

O direito ao uso das mãos: explorando materiais na Educação Infantil

Cássia Calandrini Ribeiroⁱ 

Prefeitura Municipal de Fortaleza, Fortaleza, CE, Brasil

Resumo

Este relato narra a experiência da professora Cássia, na turma de Infantil 5, tempo integral, no CEI Maristela da Frota Cavalcante, no ano de 2019. Para argumentar este trabalho utilizou como referenciais Zavalloni (2020), Redin e Fochi (2014) que inspiraram a proposta lançada às crianças e trazem discussões importantes acerca dos espaços, contextos e materiais na educação infantil. Trata-se de uma pesquisa participante (Severino, 2013) com suporte nas metodologias pedagógicas: planejamento, observação, registro, reflexão e avaliação. Nas rodas de conversas, as crianças demonstraram seus conhecimentos e puseram em prática na experiência realizada. As possibilidades infantis sobre a exploração de diferentes materiais e a ação pedagógica dos contextos, materiais e espaços na Educação Infantil permitiram, às crianças e educadora, elaborar estratégias, organizar o pensamento e colocar em práticas suas reflexões.

Palavras-chave: Educação Infantil. Espaços. Contextos. Materiais. Exploração.

The right to use your hands: exploring materials at child education

Abstract

This report narrates the experience of teacher Cássia, in the Infantil 5 class, full time, at CEI Maristela da Frota Cavalcante, in 2019. To argue this work used as references Zavalloni (2020), Redin and Fochi (2014) that inspired the proposal launched to children and bring important discussions about spaces, contexts and materials in early childhood education. This is a participatory research (Severino, 2013) supported by pedagogical methodologies: planning, observation, recording, reflection and evaluation. In the conversation circles, the children demonstrated their knowledge and put it into practice in the experience carried out. The possibilities for children to explore different materials and the pedagogical action of contexts, materials and spaces in Early Childhood Education allowed children and educators to develop strategies, organize their thoughts and put their reflections into practice.

Keywords: Child education. Spaces. Contexts. Materials. Exploration.

1 Introdução

Este relato de experiência narra a vivência da professora Cássia em sua turma de infantil 5, tempo integral, no CEI Maristela da Frota Cavalcante, no ano de 2019. Naquele ano, a coordenadora do CEI propôs para as educadoras planejar propostas

na perspectiva do ateliê inspiradas nos “direitos naturais das crianças” (ZAVALLONI, 2020).

Como parte da formação das professoras, a coordenadora disponibilizou alguns textos e livros sobre o Ateliê para apreciação, reflexão da prática e aprofundamento na proposta do projeto.

Para sensibilizar as educadoras a coordenadora preparou um espaço propositor com ilhas e diferentes materiais para exploração livre. Um resgate à memória afetiva através dos contextos preparados, apreciando e explorando suas possibilidades. Promovendo uma ressignificação do olhar das educadoras para o registro, observação e avaliação na estética das experiências propostas às crianças.

Por fim, fora realizada uma leitura compartilhada do texto “Explorar e interagir com o mundo: os materiais na educação infantil” (Redin e Fochi, 2014) com objetivo de provocar nas educadoras a exploração de diferentes materiais e materialidades e inserir esses contextos nas experiências realizadas com as crianças.

2

2 Metodologia

Utilizando-se dos instrumentos metodológicos de uso diário da professora: planejamento, observação, registro, reflexão e avaliação, pode-se dizer que este relato constitui uma pesquisa participante que conforme Severino (2013, p. 104):

É aquela em que o pesquisador, para realizar a observação dos fenômenos, compartilha a vivência dos sujeitos pesquisados, participando, de forma sistemática e permanente, ao longo do tempo da pesquisa, das suas atividades. O pesquisador coloca-se numa postura de identificação com os pesquisados. Passa a interagir com eles em todas as situações, acompanhando todas as ações praticadas pelos sujeitos. Observando as manifestações dos sujeitos e as situações vividas, vai registrando descritivamente todos os elementos observados bem como as análises e considerações que fizer ao longo dessa participação.

Estes dados foram coletados a partir da escuta das crianças da turma, o registro das suas falas e fotos para análise simultânea ao planejamento e desenvolvimento das propostas, a partir das indagações, interesses e curiosidades apresentadas pela turma. Conforme reitera Proença (2018, p. 44):

O objetivo do uso desses instrumentos é facilitar e organizar a ação pedagógica, documentá-la, planejá-la, refletir sobre ela, registrá-la para poder avaliar e replanejar. Assim, a história vai sendo construída; a trajetória do processo vai fluindo e tomando corpo; a formação contínua de educadores vai se processando por meio do fio da meada que é tecido no cotidiano da escola, em parceria com todos os envolvidos no processo educacional: direção, coordenação, professores, crianças, famílias e comunidade.

3

Para preparar a experiência a professora inspirou-se no direito 5 – O direito ao uso das mãos: a bater pregos, serrar e raspar madeira, lixar, colar, modelar o barro, amarrar cordas, acender o fogo descrito no texto “Os direitos naturais das crianças” (ZAVALLONI, 2020, p. 165).

De início, a preocupação era como as famílias receberiam tais propostas, por isso a educadora buscou aprofundar-se na perspectiva do ateliê para orientar sua prática e estabelecer um diálogo com as crianças e famílias respeitando suas particularidades.

Para a análise dos resultados utilizou como referência Redin e Fochi (2014) que versam sobre as possibilidades infantis em diferentes contextos, com espaços e materiais pensados para a exploração e elaboração de hipóteses infantis.

3 Resultados e discussões

Nas rodas de conversa, a professora apresentava um material e deixava as crianças manusear e falar a respeito livremente, assim, um a um, os materiais foram apresentados:

Lixa – “aqui é papelão, aqui ninguém sabe o que é!” disse P.R. após passar por várias crianças e ninguém dizer nada a respeito, “é um papel com glitter e tinta! (I.)”, “é cheiroso! (D.L.)” todos começaram a cheirar, “é pra limpar o pé! (D.)”, “é pra lixar as unhas! (A.V.)”, “é pra limpar, raspar! (J.)”;
Martelo – “martelar prego! (R.)”, “ajeitar a casa! (V.)”, “quebrar a escola! (R.)”;
Pregos – “pra pregar as coisas na parede! (S.)”;
Serra – “cortar madeira! (J.)”.

Ainda na roda de conversa e com os materiais a vista a professora lançou os seguintes questionamentos:

Para que servem estes materiais? E fomos retomando as respostas anteriores; Como podemos utilizá-los? Podemos brincar? Quem pode usar?

Podemos usar sozinhos? As crianças disseram que eram materiais de trabalho, que não era de brincar e que só poderiam usar com um adulto por perto; Que cuidados devemos ter? ter atenção quando estiver usando pra não se machucar nem machucar os amigos fora uma das respostas dada pelas crianças; Tem material para todos? Então, como fazer? Esperar a vez, não tomar do amigo.

4

A partir das falas das crianças, a professora registrou os combinados e cuidados ao utilizar os materiais na lousa e perguntou o que as crianças queriam construir com aquele material e responderam “*escorregador, balanço, mesa, cadeira, cama, casa de madeira*”.

No pátio coberto foi organizado o espaço com os materiais separados e disponíveis no chão. Criando um convite à exploração, conforme destaca Edwards, Gandini e Forman (2016, p. 316):

Tudo é cuidadosamente escolhido e disponibilizado com a intenção de criar comunicação, assim como trocas e interações entre pessoas e coisas em uma rede de possíveis conexões e construções. Esse processo envolve todos em diálogo e oferece ferramentas, materiais e estratégias conectadas com a organização do espaço para estender ou relançar essas ideias, combiná-las ou transformá-las.

As crianças correram para o local e se dispersaram, falando todos ao mesmo tempo e “disputando” alguns materiais como o martelo, pois só havia quatro. Então, sugeri que pensassem outras maneiras de martelar “*Tia, eu posso martelar com essa madeira!*” disse P.F., outra criança pegou uma serrinha e tentou martelar, perguntei: “*Está conseguindo?*” e ele respondeu: “*Não, é muito fraco!*” (E.).

Caminhando entre as crianças e observando o que faziam, quais estratégias utilizavam ou o que estavam tentando construir, percebi um menino (D.) que encaixou a serrinha no meio da madeira e começou a martelar na tentativa de serrar a madeira ao meio. Foi possível perceber uma relação da criança com o material que pode ter surgido de uma experiência anterior ou da própria experimentação das possibilidades proporcionadas pelo material ofertado, Santos (2021, p. 7) diz que as crianças narram um cotidiano vivo em experiências, atentas a tudo ao seu redor e que nós adultos precisamos observá-las e escutá-las.

No geral, as crianças estavam conhecendo os materiais, pegavam muitos pregos ao mesmo tempo e deixavam pelo chão, juntavam madeiras e batiam

aleatoriamente, aparentemente não estavam construindo nada do que disseram, visualmente, parecia uma bagunça sem nenhum sentido ou propósito.

Observei que as lixas estavam todas espalhadas e ninguém as utilizava, logo, peguei uma lixa e comecei a lixar uma madeira, uma menina (I.) me observou por algum tempo, depois recolheu o material e foi fazer o mesmo. Minha ação aqui, foi possibilitar às criança a oportunidade de experimentar a diversidade de materias sem impor uma ação, mas dando “pistas” de como agir no sentido de que “ao adotarmos o protagonismo infantil não abandonamos o papel docente e sua intencionalidade” (Santos, 2021, p. 7).

Pregar e martelar foi sucesso entre as crianças, até se organizaram para utilizar os martelos, no entanto, martelavam pregos de qualquer forma, sem um fim específico, A.E. martelou vários pregos e veio me mostrar “*Fiz uma mesa!*”, quando colocou no chão, caiu e não ficava em pé, perguntei o que ela poderia fazer, esperava que me respondesse que ia colocar mais pregos pra tentar equilibrar, mas ela colocou a mesa de volta ao chão, tentou equilibrar, como não obteve êxito, desistiu e largou no chão sua produção.

A serra também foi bastante utilizada, as crianças pegavam e começavam a serrar a madeira, mas não concluíam, pois parecia demorado e cansativo “*ufa, cansei!*” disse D. após insucesso.

S. pegou algumas madeiras, juntava, tentava equilibrar, parecendo peças de montar, pegou um prego tentou encaixar num furo que já existia na madeira, lhe perguntei o que estava fazendo, ele olhou pro objeto na tentativa de encontrar a resposta e disse: “*um escorregador!*”.

Nessas narrativas descritas acima as crianças demonstram suas ações sobre os objetos e o próprio corpo: o equilíbrio, o cansaço, as reflexões sobre o processo realizado e quais resultados possibilitaram: tentar novamente, desistir, dar novo significado ao fim. Conforme Pacheco, Cavalcante e Santiago (2021, p. 3):

A criança quando brinca é estimulada a movimentar-se, gerando o seu desenvolvimento tanto no aspecto motor como no cognitivo, ela consegue atuar com significado sobre as suas ações, pois consegue realizar com independência suas decisões e escolhas, é um constante treino da mente e do corpo.

A brincadeira rege a aprendizagem infantil e nessa experiência as crianças puderam explorar o faz de conta, exercendo um “trabalho” e explorando objetos que normalmente lhes são proibidos, demonstrando mais um vez as suas potencialidades diante das ações e transformações dos objetos no mundo.

4 Considerações finais

6

Mesmo falando com as crianças que faríamos experiências utilizando os materiais propostos, elas internalizaram que estavam fazendo um trabalho, relacionando ao ofício do adulto e devido aos materiais utilizados. Além disso, lembravam o tempo todo “*isso não é um brinquedo!*” (R.I.) e eu reforçava também esta ideia para que o cuidado fosse levado para casa e as crianças ao se deparar com estes itens não se machucassem por achar que poderiam brincar livremente sem a supervisão de um adulto. Redin e Fochi (2014, p. 52) destacam bem esse interesse infantil pelo universo do adulto “as crianças se sentem irresistivelmente atraídas pelo mundo do adultos. Elas, desde pequenas, ficam fascinadas ao observarem os adultos operando máquinas e realizando tarefas, que aos seus olhos parecem imensamente mágicas.”

Como estávamos no pátio, muitas turmas, crianças, professores e colaboradores passavam pelo local, olhavam estranho àquela cena como quem pensa “*O que é que estão fazendo? Essa Cássia é doida!*”. Em uma dessas passagens, uma criança de outra turma entrou na proposta e começou a explorar as coisas, seu irmão, da turma que realizava a experiência, correu na professora dele e disse “*Tia, ele está atrapalhando nosso trabalho!*”.

Ao planejar esta experiência muitos aspectos foram ponderados: o material utilizado, a relação das crianças com estes materiais e o que a comunidade escolar (gestão, professores, colaboradores, pais e crianças) pensariam a respeito, evidenciando assim uma relação em comunidade, orientando o papel de si e do outro nestas relações e ampliando olhares e experiências. Pacheco, Cavalcante e Santiago (2021, p. 6) consideram importante evidenciar:

As experiências oriundas das relações que a criança estabelece com os saberes construídos na vida social, em casa e na instituição escolar no

contexto de diferentes culturas e que fazem parte do patrimônio cultural que as crianças têm direito, mediada por diferentes linguagens.

Para além do colar, expor, exhibir, nesta proposta não produzimos nada, propriamente dito, que pudesse ficar exposto, mas as crianças criaram, exploraram e refletiram sobre o uso dos materiais. Numa oportunidade de elaborar estratégias, organizar o pensamento e colocar em práticas suas reflexões,

7

Ainda não existe nada que possa substituir a verdadeira experiência de estar com, de estar entre, e de conviver com os outros. Os outros também implicam nos repertórios materiais e estéticos que decorrem dessas experiências entre grupos. Assim, as reflexões sobre os materiais e sobre o que podemos atuar e transformar esses materiais têm se tornado tema cada vez mais presente nas gramáticas pedagógicas (REDIN; FOCHI, 2014, p. 52).

Ao finalizar a proposta e perceber que não haviam concluído seus “trabalhos”, as crianças se entristeceram e questionaram “*A gente vai fazer de novo?*” (P.A.). Aqui destaco a importância de um espaço de referência do ateliê, onde possamos guardar projetos para concluir em outro momento, buscar materiais quando necessário, sem esquecer que todo o ambiente escolar deve ser um grande ateliê.

A reflexão também aconteceu sobre minha prática enquanto educadora, pensando na necessidade de realizar novamente a proposta, com grupos menores, pra observar com afinco o trabalho que estavam realizando e enfatizando o papel do professor conforme Edwards, Gandini e Forman (2016, p. 308):

É criar situações nas quais os processos criativos possam ser alvo de experimentação, crescimento e evolução. Isso significa criar e implementar contextos geradores, prestar atenção nos procedimentos e criar as condições certas para possibilitar a fruição do processo criativo que nós buscamos manter e estimular.

Lembro-me de outra educadora questionar porque o interesse nestas práticas já que era professora de Infantil 5 (alfabetizadora), discorri sobre o fato “das minhas crianças” não terem passado por tais experiências, pois tudo isso era novo na instituição, além disso, acredito que a criança para alfabetizar-se precisa amadurecer um campo de ideias, desde a escuta da palavra, organização temporal até a escrita propriamente dita e foi, de certa maneira, isto que priorizei nesta proposta, “é necessário reforçar que o mundo material é o primeiro mundo da criança, e que é tão

completo – medido como possibilidade de ensino – como o mundo da técnica e o da mente, que mais tarde terão de ser desenvolvidos”, assim Redin e Fochi (2014, p. 58) confirmam meu pensamento.

Referências

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George (orgs.). **As cem linguagens da criança**: a experiência de Reggio Emilia em transformação. Tradução: Marcelo de Abreu Almeida. Revisão técnica: Maria Carmem Silveira Barbosa. v. 2. Porto Alegre: Penso, 2016.

PACHECO, M. A. L.; CAVALCANTE, P. V.; SANTIAGO, R. G. F. P. A BNCC e a importância do brincar na Educação Infantil. **Ensino em Perspectivas**, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 1–11, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/6383>. Acesso em: 9 ago. 2021.

PROENÇA, Maria Alice. **Prática docente**: a abordagem de Reggio Emilia e o trabalho com projetos, portfólios e redes formativas. 1.ed. São Paulo: Panda Educação, 2018.

REDIN, Maria Martins; FOCHI, Paulo Sergio. **Infância e educação infantil II**: linguagens. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2014.

SANTOS, L. S. dos. O que a escuta das crianças revela sobre os currículos praticados na Educação Infantil? **Ensino em Perspectivas**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 1–12, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/5119>. Acesso em: 9 ago. 2021.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico** [livro eletrônico]. 1.ed. São Paulo: Cortez, 2013.

ZAVALLONI, Gianfranco. **A pedagogia do caracol**. Tradução: Renata Holmuth Motta. 1.ed. Americana, SP: Adonis, 2020.

ⁱ **Cássia Calandrini Ribeiro**, <https://orcid.org/0000-0001-9819-2837>

Professora da Rede Pública Municipal de Fortaleza. Graduada em Pedagogia pela UECE. Pós-Graduada em Gestão pela Prominas. Educação Infantil e Alfabetização pelo IDJ. Pós-graduanda em Neuropsicopedagogia pela Prominas.

Contribuição de autoria: Relato de experiência da própria autora, no ano de 2019, na instituição CEI Maristela da Frota Cavalcante.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7901833041618199>

E-mail: cassiacalandrini@gmail.com

Editora responsável: Karla Colares Vasconcelos

Ensino em Perspectivas, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 1-, 2021

<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/>

ISSN: 2675-9144



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) Atribuição 4.0 Internacional.

Como citar este artigo (ABNT):

RIBEIRO, Cássia Calandrini. O direito ao uso das mãos: explorando materiais na Educação Infantil. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 1-9, 2021.